

Os três incidentes abaixo aconteceram na mesma semana e talvez por isto chamaram minha atenção:

O primeiro aconteceu na Oficina de Famílias, quando um dos pais expôs para o grupo sua resposta à pergunta: “O que uma família deve fazer para viver saudável e feliz?”. O que me chamou atenção neste momento foi a satisfação e orgulho da filhinha dele, de 4 anos, observando a coragem e desenvoltura do pai com o microfone na mão falando e participando da dinâmica sobre a família. Nesse dia, muitos pais compareceram e por isso aproveitei a oportunidade para estimular e valorizar sua presença e importância no desenvolvimento de uma família feliz.

No dia seguinte, dei uma carona para esse pai e ele me falou que a reunião “estava muito boa, pena que tinha demorado pouco!”

Quando comentei com ele sobre a carinha de satisfação da filha, ele me disse: “Nós dois nos damos muito bem!”. Isto alegrou o meu coração.

O segundo episódio foi na igreja. Temos ali um pai que leva sua filha, também de 4 anos, aos cultos todos os domingos. Eles chegam sempre de mãos dadas. Ele carrega uma Bíblia e ela também. Sentam-se na frente. Quando ele fica em pé para oração, ela também se levanta, quando ele levanta a mão em adoração na hora do louvor, ela também o faz, com a mesma mão e da mesma forma.

Quando chega o sono ela deita no colo dele, olha para ele, sorri, faz carinho, cochicha no ouvido dele. O pai me contou outro dia que todas as sextas por volta de quatro horas da tarde ela começa a ligar para ele no trabalho perguntando que horas vai chegar para buscá-la para passarem juntos o final de semana. Ao final do domingo sempre dá um jeito de adiar a partida de volta para a casa da mãe com aqueles argumentos irresistíveis de criança. Pura demonstração de apego e amor!

O último fato aconteceu no domingo daquela semana. No culto da noite fomos convidados a orar uns pelos outros. Vi três de nossas adolescentes em pé lado a lado e perguntei se poderia me juntar a elas. As três expressaram em seus pedidos preocupações por suas famílias, além dos medos que sentiam com relação a decisões futuras. Ansiedade é algo muito próprio e legítimo de adolescentes em fase de escolhas e decisões para a vida. Lembrei-me então de um versículo bíblico que havia lido alguns minutos antes: “Porque o Espírito que vocês receberam de Deus não torna vocês escravos e não faz com que tenham medo. Pelo contrário, o Espírito nos torna filhos de Deus; e pelo poder do espírito dizemos com fervor a Deus: Pai, meu Pai” (Rm 8.15, BLH). Por isso orei com elas: “Pai, obrigado porque somos suas filhas e podemos trazer nossas necessidades ao Senhor. Visita a família dessas meninas. Tira o medo de seus corações sobre o futuro e as decisões que precisam tomar. Não queremos esquecer que o Senhor prometeu que estaria conosco todos os dias como Pai amoroso e protetor. Sabemos que sua vontade é boa, perfeita e agradável. Somos gratas por essas promessas.

Amém!”.

Se tivesse que eleger um tema para aquela semana, seria “a presença do pai”. A fascinação da filha com a participação do pai na reunião faz com que ela demonstre sua admiração e respeito publicamente.

O exemplo e dedicação do outro pai geram na filha a expectativa do reencontro semanal. E as adolescentes nos seus momentos de dúvidas e inseguranças descobriram que podem pedir o que quiserem ao Pai. Ele as



ouvirá e as ajudará. A boa presença do pai na vida dos filhos é doce, acolhedora e indispensável. É no dia-a-dia com crianças e adolescentes que aprendemos sobre essa relação entre pais e filhos. O Senhor, assim como numa boa relação entre pai e filho(a), oferece-nos um relacionamento de amor e proximidade. Podemos entregar os nossos medos e com alegria, confiança e intimidade exercer a liberdade cristã de declarar: “Pai, meu Pai”. Acho até que, como bons filhos e filhas, podemos brincar juntos, descansar e viver dia a dia com ele.

Por Denise Maranhão

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 27.